

# BIOPODER E ENGENHARIA GENÉTICA: REFLEXÕES SOBRE O PÓS-HUMANO EM GATTACA<sup>1</sup>

Letícia Alves da Cunha<sup>2</sup>

A clássica problematização da sociologia a respeito da relação indivíduo-sociedade aparece em um dos paradigmas da modernidade como uma relação na qual o indivíduo – ou melhor, o seu próprio corpo – sofre imposições por parte de um poder. Para Foucault, esse seria um novo poder, invisível, que não está contido no Estado, mas que o perpassa, que se dá em termos de relação de poder, presente nos mais variados níveis de relações e em diferentes instituições.

As concepções contemporâneas sobre o indivíduo e seu corpo suscitam um debate sobre o futuro do humano, sobre o humanismo e o pós-humano a partir, principalmente, das ideias a respeito da “politização da tecnologia”. Laymert Garcia dos Santos (2005), em entrevista, fala de uma crise relacionada às categorias do humanismo. Ele afirma que existem várias perspectivas para pensar essa crise, sendo uma delas a via da singularidade, onde o humano é visto como um ser que está se tornando obsoleto e, por isso, precisa ser superado pelo pós-humano (nessa categoria encontram-se as ideias sobre a inteligência artificial e os robôs). Outra via seria a da transformação biotecnológica ou biogenética, a qual não vê, como a anterior, uma superação do humano, mas sim sua transformação. Essa transformação se daria por meio do melhoramento genético (engenharia genética), que faria surgir um novo tipo de eugenia – que não busca o aperfeiçoamento da raça através da eliminação dos “humanos deficientes”, mas sim através do melhoramento genético – e possivelmente abriria caminho para uma nova linha da evolução do humano. No futuro, apareceria uma grande diferença entre aqueles que ainda evoluiriam de acordo com a seleção natural e aqueles que evoluiriam de acordo com a transformação genética. A última via apontada por Santos seria a que considera que as duas anteriores apresentam, juntamente com a aceleração econômica e tecnocientífica, a obsolescência do humano e o futuro pós-humano. Mas Santos aponta ainda, para esta última via, a qual lhe é mais cara, a possibilidade de existência de outra visão, que leva em consideração não a técnica, mas as máquinas – no sentido de se refletir sobre o quanto os humanos são maquinados, sobre as relações entre o humano e o não-humano, o animal e a máquina; e que considera as transformações possíveis de serem atualizadas nos humanos, uma

---

<sup>1</sup> Texto originalmente produzido como uma atividade para a disciplina de Sociologia Contemporânea I, ministrada pelo professor Sílvio Camargo, no curso de Ciências Sociais da Unicamp.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Unicamp; correio eletrônico: lealvescunha@gmail.com

possível virtualidade, partindo-se, para isso, do pressuposto da não obsolescência do humano.

Para a presente análise, dentre as vias mencionadas por Santos, a que mais nos interessa é a segunda. Isso porque se pretende estabelecer algumas relações entre as concepções contemporâneas, especialmente as que tendem à engenharia genética, sobre o humano ou, mais especificamente, sobre o pós-humano e o filme *Gattaca*. Dirigido por Andrew Niccol, *Gattaca: a experiência genética* é uma produção americana de ficção do ano de 1997.

O filme, que se passa “num futuro não muito distante” (GATTACA, 1997), apresenta uma sociedade moldada pela engenharia genética. Todo indivíduo, logo de seu nascimento, a partir apenas de uma gota de sangue possui o diagnóstico (ou o prognóstico) que conduzirá sua vida. Características como probabilidade de doenças cardíacas, problemas neurológicos, depressão, distúrbios de concentração, propensão à violência, entre outras – até mesmo a hora e causa exatas da morte do indivíduo – se tornam conhecidas já nos primeiros segundos de vida.

Essas características verificadas no indivíduo a partir de seu material genético passam a ser a sua identificação perante a sociedade, como mencionado no filme, nessa sociedade “o currículo verdadeiro são as células” (GATTACA, 1997). Surgindo daí um novo tipo de divisão social, não mais determinada por status, renda ou pela cor da pele, mas pela carga genética dos indivíduos: uma divisão entre “válidos”, aqueles indivíduos que possuem um material genético mais qualificado e, por isso, ocupam as mais altas posições da sociedade; e “inválidos”, aqueles menos aptos geneticamente, aos quais restam apenas as posições de maior subordinação e menor prestígio social.

Para garantir indivíduos melhor qualificados ou para garantir um maior capital humano aos indivíduos, segundo os padrões da sociedade narrada pelo filme, existe a engenharia genética. Os casais que desejam ter filhos têm a opção de procurar por clínicas de manipulação genética, para que possam garantir a seus futuros filhos as melhores qualidades genéticas possíveis. Assim, os indivíduos nascidos pela forma convencional, ou seja, sem manipulação genética se tornam os “uterinos”, “filhos de Deus”, “filhos da fé”, enquanto os submetidos à manipulação genética, os “vitros”, “programados”, “filhos da ciência”. Os “filhos da fé”, ou os “inválidos” carregam o fardo da descrença em suas capacidades (físicas, mentais, etc.) e da marginalização; os “filhos da ciência”, os “válidos”, por sua vez, carregam o fardo da perfeição.

## **GATTACA: ENTRE OS “FILHOS DA CIÊNCIA” E OS “FILHOS DA FÉ”**

No enredo do filme, Vincent Freeman (Ethan Hawke), o personagem central, é um “filho da fé”. Ao nascer, é diagnosticado com uma série de características que fazem dele um “inválido”, dentre elas a grande probabilidade de possuir problemas

cardíacos e ter uma morte prematura – sua expectativa de vida seria de 30,2 anos. A infância e adolescência de Vincent foram marcadas por excessos de cuidados e discriminações: era tratado como um doente crônico, qualquer tombo ou resfriado se tornava motivo de preocupação; seus pais encontram dificuldades em conseguir vaga em uma escola/creche, sendo esta recusa justificada pela impossibilidade de cobertura do seguro em caso de algum acidente. Perante todas estas dificuldades os pais do personagem, quando decidem ter outro filho, o fazem do modo natural à época: procuram uma clínica de manipulação genética. Assim, Vincent ganha um irmão, Anton (Loren Dean), um “filho da ciência”, com sexo e cor de pele e olhos escolhido pelos pais, de boa estatura, sem propensão à violência ou ao uso de drogas, sem probabilidade de doenças cardíacas, etc.

Os irmãos mantiveram desde a infância até a adolescência uma relação de competição, na qual Anton nunca admitia perder e Vincent, por sua vez, estava sempre procurando superar seus limites. Em determinada ocasião, em mais uma de suas competições (de natação), o inesperado acontece: Vincent não só vence o irmão como o salva de um afogamento. Após o episódio sai de casa e os dois personagens se separam, voltando a se encontrar apenas anos mais tarde.

Ainda na infância, Vincent desenvolveu uma paixão pelos astros e alimentou o sonho de ser astronauta. Seus pais, no entanto, nunca o incentivaram, pois sabiam que suas características genéticas não seriam suficientes para ser admitido neste tipo de profissão. E Vincent logo percebeu que eles estavam certos. Não importava o quanto estudasse, o quanto se esforçasse, seu verdadeiro currículo, aquilo que realmente era determinante em termos de seu capital humano, era seus genes e a única função que poderia desempenhar era a de faxineiro. Mas o verdadeiro choque de realidade se dá para o personagem quando passa a trabalhar de faxineiro em Gattaca, uma espécie de empresa/corporação de assuntos espaciais. Nesse momento, percebe o quão distante seu sonho está para um “inválido”.

O desejo pela ascensão social, obviamente, não é algo particular a Vincent. Um meio pelo qual os indivíduos “inválidos” conseguem (ou ao menos tentam) obter essa ascensão é adotando a identidade de um “válido”. Vincent então procura uma espécie de agenciador desse escuso negócio e, através dele, conhece Jerome Morrow (Jude Law). Jerome é um “válido”, ex-campeão de natação com credenciais genéticas impecáveis, mas que devido a um acidente – afinal, como mencionado no filme, não existe o gene da fatalidade – se tornou paraplégico. Nosso personagem precisava de credenciais genéticas como as de Jerome para alcançar seu sonho; este, por sua vez, precisava de dinheiro para manter os luxos aos quais estava acostumado. Assim, o primeiro assume a identidade do segundo, recebendo dele todo o material genético – através de amostras de seu sangue, urina, pelos, etc. – necessário para ser aprovado nas constantes inspeções existentes nos diversos espaços sociais, se tornando, assim, um “degenerado” ou “falso alpinista” – como eram chamados os indivíduos que se

utilizavam desse mecanismo para burlar o sistema. Todos os dias, Vincent se aseava cuidadosamente para se livrar ao máximo de seu próprio material genético, que poderia denunciar sua verdadeira identidade, e se utilizava das amostras do material genético de Jerome para provar sua identidade como um “válido”. Com as impecáveis credenciais deste, Vincent logra, então, realizar seu sonho, trabalhando na estação espacial de Gattaca e sendo enviado a uma missão.

## **O SURGIMENTO DO BIOPODER: A GESTÃO DA VIDA**

As relações entre indivíduo e sociedade em Gattaca e as relações de poder que as permeiam podem suscitar reflexões a respeito de alguns conceitos do pensamento de Foucault, como o de biopoder e de capital humano.

Foucault (1999) em Curso no Collège de France (1975-1976) fala sobre a necessidade de analisar as “relações” de poder, e não de procurar sua suposta forma única e central, da qual derivariam todas as demais. Para o autor, o poder é uma relação entre forças que convergem ou se opõem. Foucault propõe pensá-lo de uma maneira não vista até então. Ele está interessado no “como” do poder, nos seus mecanismos.

Para chegar às relações de poder da modernidade, Foucault (1999) chama a atenção para o que entende como um dos atributos fundamentais da teoria clássica da soberania: o direito de vida e morte. O soberano tem o poder de “fazer morrer ou de deixar viver”. E este só existe a partir do direito de matar, o que coloca a vida e a morte não mais como fenômenos naturais situados fora do campo do poder político, mas sim dentro dele.

No final do século XVII e decorrer do século XVIII, se instala, segundo Foucault, uma nova tecnologia de poder: a tecnologia da disciplina. A disciplina se centra essencialmente no corpo do indivíduo, realizando sua distribuição espacial: “sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância”, com o objetivo de “aumentar-lhe a força útil através do exercício, do treinamento, etc.”, se utilizando, para isso, de “todo um sistema de vigilância, de hierarquia, de inspeções” (FOUCAULT, 1999. p. 288). Essa tecnologia de poder se exerce em espaços delimitados, mais especificamente em instituições como a escola, o exército, os hospitais, as prisões, etc.

Segundo o pensamento foucaultiano, no final do século XVIII surge uma nova tecnologia de poder, que não exclui a tecnologia disciplinar, mas a integra e, em parte, a modifica. Essa nova técnica de poder é a biopolítica. Ela não se dirige ao corpo dos indivíduos, mas à vida dos homens. O que ocorre é uma tomada de poder sobre a vida ou “uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico” (FOUCAULT, 1999. p. 286).

Sobre a biopolítica, em comparação à disciplina, Foucault afirma:

[...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (Foucault, 1999: 289)

O biopoder, por meio das técnicas da biopolítica, possui o poder de regulamentação da vida, que tem como objetivo essencial a busca por aumentá-la, por “prolongar sua duração”, “multiplicar suas possibilidades”, “desviar seus acidentes” ou “compensar suas deficiências”. Ocorre na biopolítica, segundo afirma André Duarte, um “deslocamento na forma de exercício do poder soberano”, o poder de tirar a vida se torna agora o poder de geri-la. Se antes havia o poder de “deixar viver ou de fazer morrer”, agora há o poder de “fazer viver ou de deixar morrer”, de um direito sobre a morte passa-se a um direito sobre a vida. (DUARTE, 2008, p.4)

Todavia isso não significa que o direito de matar esteja agora extinto, mas que ele precisa ser justificado:

Foucault compreendeu que, a partir do momento em que a vida passou a se constituir como elemento político por excelência, o qual tem de ser administrado, calculado, gerido, regado e normalizado por políticas estatais, o que se observa não é uma diminuição da violência. Pelo contrário, tal cuidado da vida de uns traz consigo, de maneira necessária, a exigência contínua e crescente da morte em massa de outros, pois é apenas no contraponto da violência depuradora que se podem garantir mais e melhores meios de sobrevivência a uma dada população. (DUARTE, 2008: 4)

Foucault (1999) propõe uma reflexão sobre o aparente paradoxo: um poder que em sua essência tem o objetivo de fazer viver pode também deixar morrer. Como seria possível legitimar o direito de morte numa sociedade onde se faz presente esse poder de regulamentação da vida? Tirar a vida num sistema de biopoder só se torna algo legítimo quando essa vida significa um perigo biológico que precisa ser eliminado para que possa haver o fortalecimento da espécie. Nesse ponto, surge o racismo, que possui, segundo Foucault, a função de fragmentar a espécie em grupos, raças, além de fazer atuar um pensamento do tipo guerreiro, que opera sobre a lógica do “se você quer viver, é preciso que o outro morra” (FOUCAULT, 1999, p.305). Numa perspectiva biológica:

[...] quanto mais as espécies inferiores tendem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais – não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar. (Foucault, 1999: 305)

Foucault menciona que esse racismo não é um racismo propriamente étnico, mas de tipo biológico, evolucionista – não tanto da teoria de Darwin, mas de algumas de suas noções, como a hierarquização numa linha comum de evolução, a disputa entre as espécies e a seleção que elimina os mais fracos, ou menos adaptados. No campo da política, o racismo é usado, segundo o autor, para justificar as relações de colonização ou as guerras e para pensar questões como as doenças mentais ou a criminalidade (FOUCAULT, 1999, p. 307).

O direito de morte, dentro do biopoder, não significa apenas o direito de tirar a vida diretamente. Foucault afirma que por “tirar a vida” ele entende tudo que possa vir a ser “assassinio indireto”: “o fato de expor a morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.” (FOUCAULT, 1999: 306).

## **A FRAGILIDADE DO DETERMINISMO GENÉTICO E A IMPREVISIBILIDADE DA VIDA**

É possível, através da sociedade representada em Gattaca, elucidar o funcionamento do biopoder. Primeiramente porque a engenharia genética aparece como um mecanismo de regulamentação da vida, que pretende aperfeiçoar o humano enquanto espécie, selecionando dele, através de seus genes, suas melhores qualidades e procurando não deixar espaço para as imperfeições do acaso. A relação entre tal sociedade e o biopoder se torna ainda mais evidente quando pensamos nas funções do racismo apontadas por Foucault. Há claramente uma diferenciação entre os indivíduos geneticamente superiores e os inferiores, ocasionando a morte destes últimos, no sentido de que eles são socialmente rejeitados e excluídos. Há uma espécie de seleção pelos indivíduos mais aptos, mais adaptados. Nessas condições, é claro, seriam poucos os que ainda se disporiam a ser, ou melhor, a decidir que seus filhos fossem (pois não cabe propriamente ao indivíduo essa escolha) “filhos da fé”.

Essa espécie de imposição de uma série de características genéticas ao futuro, o indivíduo proporciona uma interessante reflexão. André Gorz, em seu livro *O imaterial: conhecimento, valor e capital*, aborda essa questão ao propor uma reflexão acerca da falta de poder decisório do indivíduo com relação a seu “aperfeiçoamento” genético. Sobre a busca pela superação ou melhoramento da espécie humana através da ciência, o autor questiona o fato de, tanto na engenharia genética quanto na inteligência artificial, a decisão sobre as alterações pelas quais o indivíduo passará não partirem dele próprio, mas de terceiros.

Aqueles que escolherão remodelar o homem, ou certos homens, não serão os homens remodelados, eles mesmos. Estes não terão escolhido sua sorte: eles terão sido remodelados em virtude de uma escolha feita por outros, em virtude de critérios negados ao julgamento deles próprios. (GORZ, 2005: 101)

Na trama, esta característica da engenharia genética fica evidente na cena em que os pais do personagem Vincent vão à clínica para elegerem as características de seu segundo filho. Durante a conversa, além de questionar sobre a preferência do casal com relação ao sexo, cor de olhos e cabelo do filho, o geneticista afirma ter tomado a liberdade de “erradicar características prejudiciais: calvície, miopia, predisposição a álcool e drogas, propensão à violência e obesidade”(GATTACA, 1997), e quando os pais afirmam que desejavam eliminar as doenças mas gostariam de deixar algumas características ao acaso, o geneticista argumenta que só querem dar ao filho do casal as melhores condições, já existiriam demasiadas imperfeições no mundo, e não precisariam se preocupar, pois seu filho herdaria suas características, as melhores delas.

Podemos pensar também na questão do monopólio da verdade, do conhecimento verdadeiro que a ciência, juntamente com o capital, reivindica para si – assunto abordado por Gorz em seu já referido livro. Na obra de Foucault, o poder mantém uma relação direta com o saber e a partir disso se dá a construção da verdade. Assim, a ciência como detentora do saber – do saber legítimo, pois ela desqualifica os outros saberes – é também, por consequência, detentora da verdade e do poder. Esse poder da ciência, enquanto detentora da razão, do conhecimento verdadeiro, pode ser observado na cena descrita acima, onde o geneticista é o representante da ciência, aquele que reivindica para si a autoridade (ele “toma a liberdade”, como afirma) de decidir quais são as características, incontestavelmente, desejáveis ou indesejáveis a um indivíduo.

Não podemos deixar de notar também os interesses capitalistas presentes numa sociedade como a narrada em Gattaca. Duarte (2008) faz algumas colocações que contribuem para a reflexão acerca da relação entre interesses capitalistas e biopoder. Em seu texto *Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI*, aborda a compreensão de Foucault sobre o *homem como agente econômico, o homo oeconomicus* e a relação desse *homo oeconomicus* com o capital humano. Esta compreensão, segundo o autor, está no centro das novas considerações que Foucault faz sobre a biopolítica quando pensa no neoliberalismo. Esse *homo oeconomicus* já não é um simples empreendedor de mercado, mas um empreendedor de si mesmo. Assim, Foucault haveria compreendido, já na década de 70, a necessidade que esses agentes econômicos adquirem de investir na ampliação de suas aptidões, de suas capacidades para se tornarem competitivos no mercado de trabalho. Com isso, na análise de Duarte, Foucault antecipa algo que está a caminho de se tornar uma realidade: a afirmação da biogenética como meio através do qual o *homo oeconomicus* buscará aperfeiçoar suas aptidões e ao mesmo tempo controlar os “fatores potenciais de risco”, como as doenças hereditárias, que poderiam colocar esse agente econômico numa posição desfavorável. (DUARTE, 2008, p.7)

A partir disso, André Duarte afirma:

É bastante evidente que Foucault não estava lançando prognósticos ao acaso, como se estivesse brincando de ficção científica: o que ele vislumbrou foi a conexão possível, a ponto de se tornar necessária, entre o *homo oeconomicus* do neo-liberalismo, a teoria do capital humano e a biogenética, anunciando assim o momento em que genética e economia se fundirão determinando as condições nas quais o processo de individuação se dará. (DUARTE, 2008: 7)

E é justamente esse contexto de associação entre a biogenética e o *homo oeconomicus* que podemos observar em Gattaca, onde pais procuram o auxílio da biogenética (da engenharia genética) para tentar garantir um futuro promissor aos filhos. Quanto mais saudáveis e quanto maiores as aptidões físicas e mentais do indivíduo – garantidas pela seleção de genes –, maior o seu capital humano – logo, mais favoráveis suas condições de competição de mercado – e, assim, maiores suas chances de ocupar uma posição de prestígio.

As ideias contidas no filme Gattaca podem ser vistas a partir de um conjunto de teorias que se propõem a pensar o futuro do humano –das quais algumas vertentes foram brevemente citadas no início deste texto a partir da visão de Laymert dos Santos. Como afirma Marko Monteiro em sua tese de doutorado intitulada *Os dilemas do humano: reinventando o corpo numa era (bio)tecnológica*, algumas dessas vertentes “partem do princípio de que o corpo biológico não consegue adaptar-se mais à tecnologia em evolução constante”, sendo por isso preciso substituí-lo ou aperfeiçoá-lo. Uma crítica direcionada a tais vertentes, que demonstra o autor, é que estas legitimam um discurso de que a natureza deve ser superada pelo artificial, ou de que há “um processo evolutivo onde a direção única e inevitável para o ser humano é acelerar a evolução natural por meio de intervenções tecnológicas” (MONTEIRO, 2005, p.178). Monteiro afirma que Pearson vê nas ideias do pós-humano (ou trans-humano):

[...] a reificação do aspecto técnico/tecnológico, como um impulso da vida em evoluir e adaptar-se, mesmo que em detrimento do corpo biológico e do humano. Tal visão efetua, assim, uma simplificação do passado genealógico da técnica para postular uma redenção da vida pela tecnologia. (MONTEIRO, 2005: 179)

Pearson entraria nesse debate utilizando-se do argumento de que a técnica sempre fez parte dos processos de evolução humana, o ser humano é o único animal que sempre se utilizou de instrumentos.

Um último e importante ponto a ser ressaltado aqui a respeito das ideias em torno do futuro do humano, das concepções acerca do que o futuro reserva à categoria do humano, às suas possibilidades e/ou limitações, diz respeito ao reducionismo genético. Nas páginas finais de sua tese, Monteiro faz referência a alguns autores que contribuem para esse debate, dentre eles, Laymert dos Santos, Keller, Haraway e Oyama. A discussão, cujo detalhamento ultrapassa os objetivos deste artigo, se constrói na “tentativa de conceituar a vida não como evolução adaptativa baseada numa essência genética, mas como evolução criadora” (MONTEIRO, 2005, p.108),

possibilitando uma visão mais rica do “vivo” e do “orgânico” do que a proporcionada pelo reducionismo genético. Recusar esse reducionismo genético significaria levar em consideração que as características e aptidões de um indivíduo não podem ser resumidas a sua herança genética. É necessário considerar outros fatores, como as vontades, as convicções do indivíduo e, principalmente, o meio onde ele está inserido. Isso porque a vida não consiste numa mera reprodução de combinações genéticas. Ela contém em si um caráter dinâmico e criativo, que a torna moldável a partir dos mais variados elementos que se encontrem a sua volta.

Neste sentido, a escolha do filme *Gattaca* se mostra relevante na medida em que serve para ilustrar tanto o funcionamento do biopoder – ao apresentar uma fictícia sociedade onde esse poder de regulamentação da vida, através da biogenética, aparece como princípio organizador central – quanto a fragilidade dessa concepção que aposta na necessidade de aperfeiçoamento do humano a partir de modificações genéticas. Esta fragilidade pode ser percebida, por exemplo, ao passo que o desfecho da trama nos direciona no sentido oposto ao do determinismo genético: o personagem principal contraria o prognóstico recebido logo de seu nascimento e logra ocupar uma posição de prestígio na hierarquia social, demonstrando sua capacidade de superação e adaptação ao meio. Do mesmo modo como Jerome, apesar de suas credenciais genéticas impecáveis, não alcança o futuro promissor ao qual estaria destinado, tendo sua vida determinada pelo acaso de um acidente. Assim, o filme nos proporciona elementos para pensar que essa regulamentação da vida, arquitetada e reforçada pela biopolítica, se reflete no cotidiano dos indivíduos, porém não é capaz de limitar completamente o agir dos mesmos – tendo em vista que os personagens Vincent e Jerome rompem com seus *status quo*.

## Referências Bibliográficas

- CAMARGO, Silvio. *Gattaca: fragmentos do pós-humano*. Disponível em <http://www.experiencia critica.blogspot.com>. Acessado em 21 de set. de 2009.
- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *Conversações 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34: 1992, p. 219-226
- DINIZ, Debora. *A profecia genética: um comentário ao filme Gattaca*. Série Anis 52, Brasília, LetrasLivres, 1-4, dezembro, 2007. Disponível em [http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa52\\_diniz\\_gattaca.pdf](http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa52_diniz_gattaca.pdf). Acessado em 09 de abr. de 2014.
- DUARTE, André. *Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI*. Revista Cinética, v.1, p.1-16, 2008. Disponível em [http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre\\_duarte.htm](http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm). Acessado em 22 de jun. de 2013
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- \_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 297-328 (Aula de 14 de março de 1979)
- \_\_\_\_\_. “Soberania e Disciplina”. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GORZ, André. *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.
- LAZZARATO, Maurizio. Os conceitos de vida e do vivo nas sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 59-93
- MONTEIRO, M. *Os dilemas do humano: reinventando o corpo numa era (bio)tecnológica* [tese de doutorado]. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2005.
- GATTACA, a experiência genética. (Gattaca) Dirigido por Andrew Niccol. EUA: Jersey Films, 1997. 106min. son.; color.
- SANTOS, Laymert Garcia. Demasiadamente pós-humano: entrevista com Laymert Garcia dos Santos. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 72, jul. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 jun. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002005000200009>